

“EU SOU FRACO, EU SOU HOMEM, EU SOU CARNE”
(NARRATIVAS E MASCULINIDADES NO DISCURSO)

William SOARES DOS SANTOS (Pontifícia Universidade Católica - PUC-RIO)

ABSTRACT: The aim of this paper is to show how hegemonic masculine identity orients the speech of a man in an research interview about his religious trajectory. The analysis was triggered from a socio-constitucionist approach to discourse (Moita Lopes, 1996) which is linked to a socio-interactional perspective (Gumperz [1982], 2002; Goffman [1974] 2002) that considers social identity as multiple and fluxing. The characters and the emergent voices within the narratives (Labov, 1972), as well the narrator who is aligned with them, show how the identities of the referred men and women are shaped.

KEYWORDS: *discourse analysis, social identity, gender studies, narrative studies.*

Introdução.

A ideologia do patriarcado¹, juntamente com outras ideologias afins, tem direcionado o discurso e, conseqüentemente, a forma de agir e de se posicionar no mundo de grande parcela das sociedades. Por muito tempo, em muitos contextos, evitou-se o questionamento dos discursos e atitudes do universo masculino, uma vez que eram discursos e práticas tidas como naturais, servindo para demarcar o papel que cada gênero deveria ocupar dentro da sociedade, mantendo o “equilíbrio” do mundo social através da divisão de tarefas. Mas, a verdade, é que em muitas partes do mundo muitas mulheres têm, através da história da humanidade, sofrido sob o jugo do discurso patriarcal, um discurso que as diferencia, separa, humilha e subjuga. Esse discurso, partindo de uma diferença biológica, constrói diferenças sociais marcantes e que ainda hoje podem ser encontradas nas mais avançadas metrópoles do globo.

Devido a diversas transformações sociais motivadas, principalmente, pela revolução francesa, em fins do século XVIII e início do século XIX, começou a ganhar força a idéia da divisão dos sexos em feminino e masculino (Freire Costa, 1995:4-8). Antes pressupunha-se apenas o sexo masculino, sendo o feminino considerado a sua contraparte inferior. A noção de sexo estava ligada essencialmente ao corpo e aos órgãos reprodutores masculinos, a mulher era entendida como sendo um homem invertido, seus órgãos sexuais eram descritos como a inversão dos órgãos sexuais masculinos.

Esses conceitos começaram a cair em desuso com a fundação dos três pilares da revolução francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) e a conseqüente tentativa de se estabelecer a democracia. Nesse contexto, surgiu a necessidade de um conjunto novo de idéias que justificassem a desigualdade entre homens e mulheres (também entre os homens), ou seja, idéias que burlassem a teoria jurídica de que todos são iguais, e elas foram encontradas, forjadas e autenticadas pela ciência com base em marcas biológicas. Dessa forma, as mulheres, os povos dominados e os homens fora da esfera de poder eram considerados naturalmente inferiores devido a sua constituição anatômica. Estudos da conformação óssea, que eram, até então, irrelevantes, passam a “provar” a “superioridade” da classe burguesa dominante, ou seja, do universo masculino hegemônico. No caso da mulher, o crânio menor e a bacia pélvica maior eram “prova” cabal de sua inferioridade intelectual e de seu único objetivo: o da procriação. A mulher era, então, mais uma vez, posta em um patamar inferior.

Esses exemplos da história do ocidente ilustram, notadamente, uma relação de oposição entre o feminino e o masculino e me fazem perceber a importância de pesquisar como o discurso tem sido utilizado para justificar as práticas que envolvem essa oposição, já que considero que conhecer os mecanismos (discursivos inclusive) que mantiveram (e mantêm ²) a mulher e outras práticas de masculinidades não hegemônicas afastadas da esfera de atuação dentro da sociedade e analisar os processos e instrumentos que a estrutura patriarcal utiliza para efetuar esse afastamento pode ser uma ferramenta muito útil para que as mulheres e também os homens, refletindo sobre essas práticas, possam quebrar esses modelos opressores para a construção de uma sociedade mais justa.

1. Objetivo e base teórica.

Tendo essas observações em mente, o objetivo desta pesquisa é o de analisar como se dá a co-construção discursiva da identidade masculina em uma narrativa coletada em uma entrevista concedida por um homem moreno (mestiço) de quarenta e cinco anos, morador da cidade do Rio de Janeiro, classe média, que ascendeu socialmente, chegando à formação de advogado, vivendo na cidade do Rio de Janeiro no início do séc. XXI. A entrevista em questão, concedida no primeiro semestre do ano de 2003, faz parte de dados coletados para o desenvolvimento de minha tese de doutorado na qual procuro investigar os discursos da conversão religiosa. No trecho a ser analisado, questões de gênero surgem à tona dando-me a possibilidade de traçar a análise que apresento.

O paradigma de pesquisa que conduz esta investigação é o de cunho interpretativista e a metodologia utilizada é a do estudo de histórias de vidas. As histórias de vida podem ser entendidas como um tipo de narrativa através da qual as pessoas expressam o sentido que elas têm de si mesmas. Por meio da narração

de suas histórias as pessoas “têm o poder, não só de demonstrar sua própria voz e contar sua própria história, mas também de agir de acordo com seus interesses” (Mishler, 1986:119).

Linde (1993:11) define histórias de vida como “uma unidade oral que é contada em várias ocasiões. Convencionalmente inclui certos tipos de eventos marcantes tais como a escolha da profissão, casamento, divórcio ou conversão religiosa ou ideológica e que é dotada de significado tanto para o falante quanto para o ouvinte”.^{3, 4}

Ao nos engajarmos em uma narrativa de histórias de vida, construímos “nossas identidades sociais ao nos posicionarmos diante de nossos interlocutores e diante dos personagens que povoam nossas narrativas” (Moita Lopes, 2002:64). Assim, o narrador evidencia o desejo de construir significados específicos de si e de seu posicionamento no mundo, o que possibilita ao pesquisador uma análise de como o indivíduo constrói sua identidade social através do discurso.

A narrativa pode ser concebida como um subtipo do discurso caracterizada pela existência de algumas condições mínimas tais como personagens, trama e desenvolvimento da ação. O psicólogo cultural Jerome Bruner (1997:46) observa que, talvez, a principal característica da narrativa “seja sua seqüencialidade inerente: uma narrativa é composta por uma seqüência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Bruner aponta ainda que a narrativa “pode ser real ou imaginária” (idem: 47). Levo muito em conta este fator no meu trabalho com histórias de vida já que procuro enfocar como as pessoas posicionam a si e os outros através das narrativas. Outra característica da narrativa é que a mesma possui uma natureza avaliativa “que permite a negociação do significado social da história contada” (Moita Lopes, 2002:67).

Discurso é entendido aqui como um fenômeno social situado, uma vez que compreende ações localizadas em enquadres específicos (Cf. Bateson, [1972] 2002:98). Devendo ser apreendido em sua natureza institucional e em seu posicionamento no mundo social (Cf. Mills, 1997:11), já que não podemos, de forma alguma, entender os significados atribuídos aos atos humanos fora da matriz cultural de onde provêm (Cf. Bruner, 1997:43). Assim, os significados são construídos dentro de interações sociais estabelecidas pelos participantes do discurso. Talvez um dos principais aspectos do discurso é que a sua natureza estrutura nosso sentido de realidade e a nossa noção de quem somos no mundo (Mills, 1997:15). Essa visão compreende que o ato discursivo é, sobretudo, um ato social e, por isso mesmo, uma prática social orientada por processos ideológicos, sendo que, na maior parte do tempo, as pessoas não estão conscientes deste processo uma vez que, como bem observa Norman Fairclough, (1992:90) “ideologias se constroem dentro de convenções que podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas”⁵, e que, sendo agregadas ao conjunto

de práticas discursivas da nossa sociedade, ganham status de senso comum e tornam-se mais eficientes.

Essa noção está intrinsecamente ligada ao fato de os sujeitos da interação estarem posicionados no discurso através de suas identidades sociais que, por sua vez, são entendidas aqui como sendo múltiplas e sujeitas a modificações através do tempo e dos espaços sociais nos quais atuam. Nesse sentido, as imagens que formam a nossa identidade podem refletir marcas de nossa etnia, gênero, discurso, orientação sexual, da comunidade a qual pertencemos, entre outras. Marcas estas que podem nos posicionar de modo a entrar em conflito com outros sujeitos detentores de outras marcas na formação de suas identidades ou, mesmo, em conflito com as diferentes marcas de identidade dentro das diferentes posições que assumimos no mundo social.

No que tange especificamente às identidades masculinas a História mostra que elas têm sido formadas em oposição às identidades femininas (Cf. Millet 1993:28-29), sendo que o traço da masculinidade hegemônica, que qualifica o masculino como ativo, agressivo, desbravador, energético e etc., é tido por grande parte da sociedade como sendo natural, ou seja, inextricavelmente unido à marca biológica (Cf. Connell 1995:68-69). Com o advento do feminismo⁶ em alguns países do ocidente, questões sobre o masculino e o papel do homem na função da vida social entraram, por assim dizer, na pauta do dia.

Dentro de uma visão que considere a multiplicidade, fica impossível ver o masculino, e mesmo o feminino, como um conjunto único. Homens diferem entre eles, assim como as mulheres diferem entre si (Cf. Connel, 1995:69). Dessa forma, o termo masculinidades, aqui, implica uma apreciação do masculino nas suas mais divergentes formas, não apenas no masculino hegemônico. Esse posicionamento nos possibilita apreender essa experiência humana de forma abrangente (Cf. Moita Lopes, 1998), uma vez que a masculinidade é um processo contínuo, dentro do qual as práticas podem ser mudadas no tempo e no espaço, mesmo quando focalizamos um mesmo indivíduo.

2 - “Eu sou fraco, eu sou homem, eu sou carne” (análise de uma narrativa masculina).

Considero importante enfatizar que a narrativa (e outros segmentos de discurso a serem analisados) faz parte de outra maior cujo tema principal é a conversão do entrevistado a um dado sistema de crença. Ou seja, ele não foi solicitado a contar essa história em particular. Ela foi espontaneamente narrada por ter, segundo o narrador, ligação com o tema principal por mim abordado e a ser desenvolvido em minha tese de doutorado.

Antes da narrativa o entrevistado tenta responder ao pesquisador o que o teria levado a, efetivamente, se converter a um sistema de valores do qual ela já era participante, mas não de forma tão ativa. Ele, então, começa a discorrer sobre

a sua dificuldade de se manter fiel a sua esposa (william: pesquisador, fontana: entrevistado):

	1	fontana:	>já tava freqüentando um templo<, antes disso é:: eu tive sim... eu, eu tinha uma grande co-- um grande problema que eu tinha (2), depois de casado-- me envolvi com muita coisa, principalmente... mulher.]
	2		
	3		
	4		
	5	william:	[umhum]
	6	fontana:	então eu achava-- toda vez que eu é >(vamos dizer)< um adultério, alguma coisa-- eu me culpava muito com aquilo] >e, <u>mas</u> (logo lá) na frente< voltava a acontecer
	7		
	8		
	9	william:	[amham]
	10	fontana:	de novo. Então eu ficava (ne-), eu falava “poxa isso é hipocrisia] se eu tô lendo o quê que é hipocrisia,
	11		
	12	william:	[amham]
	13	fontana:	como é que eu tô pô-- eu tô <u>praticando</u> isso? (pô de-) se é de- deus não deve-- em- embora eu não acre- eu não tinha tanta certeza, mas eu falava “deus não deve]
	14		
	15		
	16	william:	[gostar disso que eu tô fazendo ((riso))]
	17		
	18	fontana:	gostar disso de <u>maneira nenhuma</u> , ((rindo)) eu, eu faço, erro, vou lá peço perdão,
	19		
	20	william:	amham
	21	fontana:	então eu fa-- eu pensava comigo “tem que existir uma coisa mais forte, eu tenho que <u>parar</u> de alguma forma de praticar, eu sou fraco, eu sou homem,] eu sou carne,
▶	22		
▶	23		
	24	william:	[amham]
▶	25	fontana:	isso vai me tentar a vida, até quando eu morrer”=
	26	william:	= quer dizer-- então que tu também teve essa-- essa motivação de vencer a si mesmo, né?] suas, as suas:::
	27		
	28	fontana:	[tive, <u>sempre</u> tem, eu >diria pra você que<-- (2) tem o amor, né? que você quando conhece... o amor de deus através das palavras dele,] você conhece o amor de deus, (...)mas você
	29		
	30		
	31		
	32		
	32	william:	[amham]
▶	33	fontana:	tem aquela <u>coisa</u> no coração de pedir a misericórdia de deus.
▶	34		

A primeira observação importante é que o entrevistado constrói discursivamente a sua necessidade de relacionamento extraconjugal como algo além de suas forças humanas (**isso vai me tentar a vida, até quando eu morrer**), naturalizando a idéia do homem como um animal sem possibilidade de controlar seus instintos. Ele legitima o seu desejo inscrevendo-o “em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (Bourdieu, 1999:33). Fontana imputa a si mesmo (e, por extensão, ao homem em geral) um apetite sexual incontrolável, reforçando a naturalidade de sua condição quando diz “**eu sou fraco, eu sou homem, eu sou carne**”, além disso, constrói a idéia de que este apetite só pode ser aplacado através de uma intervenção divina: “**mas você tem aquela coisa no coração de pedir a misericórdia de deus**”.

Após uma breve digressão, o entrevistado dá início a uma narrativa fundamental para a minha análise do discurso masculino e da co-construção de sua identidade. O tema da narrativa pode ser definido como um conflito entre amantes e namorado traído, no entanto, a maneira como é construída, aponta para a percepção de que a mesma está profundamente ligada às expectativas, presentes na sociedade, de como os homens são e de como devem agir e que posicionam o narrador, levando-o a atitudes que vão ao encontro dessas expectativas:

	1	fontana:	me lembro que uma vez... é::, depois de uma grande burrada, e um grande livramento também, né?]- <u>que</u>
	2		
	3	william:	[umhum]
	4	fontana:	<u>uma dessas garotas</u> , era noiva](2), °de um: <u>policia</u> l.]
	5	william:	[a::] ↑[caramba!]
	6	fontana:	que, por acaso:, entrou na hora que a gente tava. Ela tava com a,- coa perna em cima da minha perna num::, num restaurante, no bar], ele entra, de repente. “a::,
	7		
	8		
	9	william:	↑[caramba!]
	10	fontana:	vocês tão aí e tal”, aquela coisa <u>desagradável</u> mesmo, né?] e o cara falou assim “a:: quero falar como você”,
	11		
	12	william:	[ah:::]
	13	fontana:	falou pra ela, né?] aí ela::>falou assim< “mas você veio
	14	william:	[u::ah:::]
	15	fontana:	aqui, eu não falei pra você que ia (que era) pra gente se encontrar mais tarde, não sei o quê”, (falou assim) “não mas eu vim aqui pra falar com você”. >Aí eu falei “eu: vou: vou deixá vocês a sós”, “não você pode <u>ficar</u> ”]
	16		
	17		
	18		
	19	william:	[i::, ↑caramba!]
	20	fontana:	((rindo)) ele mandou eu ficar ((rindo)), e:: eu tive que

	21		passar a aquele constrangimento e encarei numa boa e falei:: “é cê quer falá comigo o quê”↓, ele perguntou
	22		>(eu falei assim)<, não, na verdade a gente num-- <u>ainda</u>
	23		<u>não saiu</u> , mas <u>realmente</u> ía acontecer], mais cedo ou
	24		
	25	william:	[umhum]
▶	26	fontana:	mais tarde], porque:: é::, ela sempre se mostrou
	27	william:	[umhum]
▶	28	fontana:	livre::]... e eu sou homem.”] eu falei abertamente com
	29	william:	[amham] [amham]
	30	fontana:	ele, né? e ele ficou meio assim::-- ele <u>no</u> final chorou ...
	31		que ele amava a garota], aquilo me constrangeu
	32	william:	[amham]
	33	fontana:	mais ainda, me senti um canalha, né? eu falei “como é
▶	34		que eu posso fazer uma coisa dessa?., né?” e::, além de--
▶	35		achando ela também: sem vergonha, mas não podia me,
	36		me, me tolhir de] me achar também pô, porque eu
	37	william:	[(claro)]
▶	38	fontana:	tava totalmente errado, e eu me lembro que nesse dia eu
▶	39		cheguei em casa... e::: chorei muito, né? fiquei de
▶	40		joelhos, no, no::-- tava sozinho, peguei a bíblia, (eu) abrí
▶	41		a bíblia, e comecei a chorar e pedi pra deus e eu <u>senti</u> ,
▶	42		um toque de deus, vamos dizer, que eu possa dizer assim
	43	william:	amham

O fato da existência desta narrativa, em si, pode ser entendido como uma necessidade do narrador de marcar sua identidade social masculina já que, como observa Badinter (1993:141), “é por seu sexo e pela atividade sexual que o homem melhor toma consciência de sua identidade e virilidade”. Ao narrar as sua versão dos fatos, embora reconheça a sua parcela de culpa (**me senti um canalha, né?**), ele não consegue deixar de acusar a mulher de ser tanto ou mais leviana do que ele (**além de-- achando ela também: sem vergonha**), dando margem ao desvelar de um discurso misógino que constrói a mulher como um ser inferior levada à categoria de objeto. O que é percebido também quando o narrador se refere à sua amante (**que uma dessas garotas**) posicionando-a como sendo mais uma entre tantas.

Por meio do uso de falas relatadas, o narrador constrói a mulher como um ser não confiável. Ele coloca na boca do personagem feminino falas que podem levar à percepção de que ela seria a verdadeira estrategista da traição: **“mas você veio aqui, eu não falei pra você que ia (que era) pra gente se encontrar mais tarde, não sei o quê”**. Em seguida enfatiza a mulher como um produto fácil e disponível que ele, em sua condição de homem, não pode recusar

“não, na verdade, a gente num-- ainda não saiu, mas realmente ia acontecer, mais cedo ou mais tarde, porque:: é::, ela sempre se mostrou livre:: e eu sou homem”.

Essas construções do feminino na narrativa estão profundamente imbricadas em relações de poder e dominação presentes no universo masculino e, embora Foucault (1979:77) observe que a “a relação entre o desejo, o poder e o interesse é ainda pouco conhecida”, Bourdieu (1999:31) nos lembra que a “relação sexual se mostra como uma relação de dominação, porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino ativo e o feminino passivo”.

Essas construções do feminino podem, ainda, ser consideradas exemplos de como, no decorrer da narrativa, a identidade do narrador é direcionada pelo discurso patriarcal. Sua relação com as mulheres é, predominantemente, uma relação de usuário e objeto, sendo essa visão apenas conflitante com a noção religiosa de dever para com o seu deus através de uma série de preceitos absorvidos pelo discurso religioso, idéia esta explicitada no trecho acima antes da narrativa: **“se eu tô lendo o que é hipocrisia, como é que eu tô, pô praticando isso? (pô de-) se é de- deus não deve-- embora eu não acre- eu não tinha tanta certeza, mas eu falava “deus não deve gostar disso que eu tô fazendo” ((riso))”.**

Outro ponto que acentua o caráter patriarcal da narrativa está naquilo que **não é dito**; em nenhum momento o narrador coloca a sua esposa no foco de seu arrependimento ou remorso, pois que antes dela, antes da materialidade do ser feminino, está a imaterialidade do seu deus. Essa atitude evidencia o princípio da inferioridade e da exclusão da mulher que, segundo Bourdieu (1999:55), é ratificado e ampliado pelo sistema mítico-ritual a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo e que se encontra na base da ordem social.

Hoje na cidade do Rio de Janeiro o comportamento do narrador, com suas múltiplas aventuras amorosas, ainda pode ser visto como algo natural para um homem em uma idade de plena atividade sexual. Ao termos em mente uma análise discursiva que leve em consideração a força da masculinidade hegemônica na formação da identidade dos homens (e mesmo da mulheres), temos a percepção de que a sua narrativa também é feita de modo a preencher o seu interesse de participar no universo masculino hegemônico dos homens. O entrevistado faz uso da narração de sua história de vida, não só de modo a conquistar a simpatia do ouvinte, mas de modo a se construir como um homem que é levado a agir de maneira a corresponder um ideal hegemônico de masculinidade; é a sua parte na cumplicidade masculina que, como coloca Connell (1995:241), está presente em toda a sociedade e é “defendida por todo o maquinário cultural que exalta a masculinidade hegemônica”. Ao narrar sua aventura (o que, aliás, ele faz com um prazer indifereçável) o narrador está reforçando a sua identidade masculina como dominadora, como participante do

padrão hegemônico de masculinidade, ao mesmo tempo em que ele se convence de sua inocência, ou seja, “de sua autenticidade masculina” (Badinter, 1993:58).

Considerações Finais

A narrativa em questão traz construções de um tipo de uma masculinidade hegemônica enraizada na cultura ocidental desde tempos imemoriais e que, até hoje, pode se desdobrar em protótipos da masculinidade ideal nos mais variados discursos que dizem como os homens devem ser e agir, e com os quais eles podem se deparar quotidianamente.

O meu desejo, aqui, foi o de provocar uma reflexão, através da análise de uma narrativa de história de vida, mostrando que a masculinidade hegemônica ainda permeia muitos espaços sociais moldando a construção das identidades masculinas e direcionando o discurso e o comportamento dos homens (e também das mulheres) como o ilustrado pela narrativa analisada. O comportamento patriarcal, gerador de oposições e delimitador de espaços, ainda encontra reflexo na sociedade de nossos dias através das narrativas que permeiam nossa sociedade e que inferiorizam mulheres e práticas masculinas que não sejam hegemônicas.

Através das narrativas nós realizamos um trabalho constante de co-construção de nossas identidades. O entrevistado, ao narrar a sua história de vida (naquele momento específico), procura se construir como um homem que quer superar um comportamento que, de seu ponto de vista religioso cristão, o impede de estar em paz e de alcançar as graças celestiais. Ao mesmo tempo, as narrativas de histórias de vida nos ajudam a compreender quem somos e a desvelar a nossa visão de mundo, e como nossa identidade social é projetada para atuarmos na sociedade de uma forma específica. Narrativas como a trazida nesta pesquisa, podem ser encontradas nos textos que lemos, nas histórias que nos narram e que narramos; elas criam a base para a formação “do que é chamado de bom senso, um sistema de crenças assumidas como partilhadas por todos os membros de uma cultura” (Linde 1993:12), tornando difícil nos darmos conta delas, moldando a nossa identidade e, às vezes, limitando o nosso mundo e as nossas escolhas.

NOTAS

¹ Gostaria de chamar a atenção do leitor para a maneira como usarei daqui por diante termos como patriarcado, patriarcalismo e patriarcal. Iluminado pela crítica feminista utilizarei esses conceitos da seguinte forma: *Patriarcado* será entendido como regime social no qual o homem exerce autoridade preponderante. *Patriarcal* é a forma de família, sociedade ou regime no qual o homem possui autoridade absoluta. *Patriarcalismo* será empregado como sinônimo de comportamento ou estilo de vida patriarcal.

² A respeito da presença marcante, ainda hoje, do patriarcalismo, Kate Millet (1993:58) observa que “talvez a maior arma psicológica do patriarcalismo seja, simplesmente, sua universalidade e longevidade. Quase raramente se pode achar um referente com o qual se poderia contrastá-lo ou pelo qual este possa ser confrontado” (Perhaps patriarchy's greatest psychological weapon is simply its universality and longevity. A referent scarcely exists with which it might be contrasted or by which it might be confuted).

³ “In summary a life story is an oral unit that is told over many occasions. Conventionally, it includes certain kinds of landmark events, such as choice of profession, marriage, divorce and religious or ideological conversion if any”.

⁴ Neste trabalho optei por trazer, nas notas, o texto original de uma citação quando a tradução for de minha autoria.

⁵ “Ideologies built into conventions may be more or less naturalized and automatized, and people may find it difficult to comprehend that their normal practices could have specific ideological investments”.

⁶ Beck (1995:39-40) observa que o feminismo ou a revolta das mulheres, como ele chama, é uma subrevolução que trabalha de maneira suave e eficaz. Penetrando no lado mais sensível da sociedade industrial, a esfera privada, ela derruba certezas masculinas e vai proporcionando uma face diferente à sociedade, apesar de resistências provocadas, em grande parte, por núcleos fundamentalistas da sociedade, na tentativa de posicionar e estabilizar o patriarcalismo no centro do poder.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- BADINTER, Elisabeth (1993). *X Y sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentin. [1929] (1992). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo. Hucitec.
- BATESON, Gregory [1972] 2002. “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia”. Trad. Lúcia Quental. In: *Sociolinguística Interacional*. RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). Edições Loyola: São Paulo.
- BECK, Ulrich (1995). “Reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”. In: GIDDENS, A. BECK, U. & LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora Unesp.
- BOURDIEU, Pierre (1990). *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRUNER, Jerome (1997). *Atos de Significação*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre. Artes Médicas.

-
- CONNELL, Robert W. (1995). *Masculinities*. Cambridge. Polity Press.
- FAIRCLOUGH, Norman (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge. Polity Press.
- FOUCAULT, Michel (1979) *Microfísica do poder*. Trad. e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FREIRE COSTA, Jurandir (1995). “A Construção Cultural da Diferença dos Sexos”. In: *Sexualidade Gênero e Sociedade*. Ano 2, n.º 3, Junho.
- GOFFMAN, Erving [1972] 2002. “A situação negligenciada”. Trad. Pedro M. Garcez. In: *Sociolinguística Interacional*. RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). Edições Loyola: São Paulo.
- GUMPERZ, John (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LABOV, William (1972). “The Transformation of Experience in Narrative Syntax.” In: Labov, William. *Language in the Inner City*. Phil.: University of Pennsylvania Press p.354-396.
- LINDE, Charlotte (1993). *Life Stories, The Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press.
- MILLET, Kate (1993). *Sexual Politics*. London. Virago.
- MILLS, Sara (1997). *Discourse*. London e New York: Routledge.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (1998). “Narrativa como processo de Construção da Identidade Social de raça em uma sala de aula de Língua Materna”. Trabalho apresentado no 5 ° Congresso Brasileiro de L. A. Porto Alegre. UFRGS. Mimeo.
- _____ (2002). *Identidades Fragmentadas*. Mercado de Letras: São Paulo.
- SARBIN, T. R. & KITSUSE, J. L. (1994). “A Prologue to Constructing the Social”. In: *Constructing the Social*. London Sage.
- SCHIFFRIN, Deborah (1994). *Approaches to Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TILIO, Rogério (2001). *Masculinidades hegemônicas e subalternas: uma análise sócio-discursiva de uma história de vida*. Dissertação de Mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ.
- WOODWARD, Kathryn (1997). “Introduction”. In: *Identity and Difference*. London, Thousand Oaks and New Delhi. Sage Publications in association with The Open University.